

INFÂNCIA, DE GRACILIANO RAMOS: UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO LEITOR NO BRASIL *

Márcia Cabral da SILVA

RESUMO *Esta pesquisa busca identificar elementos determinantes na formação do leitor criança. Examina-se o romance autobiográfico Infância, de Graciliano Ramos, a par de fontes históricas e dados biográficos, por evidenciarem aspectos cognitivos, históricos e culturais ao longo desse processo de formação. Os dados coletados referem-se à passagem do século XIX ao XX, no interior do estado de Alagoas (Brasil), no período de 1892 a 1906, extraindo-se contribuições para o desenvolvimento do leitor criança na sociedade brasileira contemporânea. As relações entre literatura e sociedade, leitura e estrutura social puderam ser observadas. Destacam-se os mediadores da leitura no âmbito da família, no ambiente da escola e, sobretudo, na esfera das relações sociais. O instrumental teórico de análise para a realização desta pesquisa advém, de um lado, da história da leitura, da crítica literária; de outro, da história da educação, dos estudos sócio-históricos.*

ABSTRACT *This research tries to point out crucial elements in the development of the child as a reader. The author analyses the autobiographical novel Infância, by Graciliano Ramos, besides historical and biographical data, as they show up cognitive, historical and cultural aspects through out this process. The data collected refer to the transition between the XIX to the XX century (1892 – 1906), in the interior of the state of Alagoas (Brazil), and it was possible to extract contributions from them to the child's development in the contemporary brazilian society. The articulations between literature and society, reading and social structure could be observed. The text underlines the reading mediators in the family, at school and, specially, in the social relationships. The theoretical basis for the analyses comes, on one hand, from the history of reading and from the literary criticism; on the other, from the history of education and from the social historical studies.*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 19 de março de 2004, orientada pela Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo.

A história da formação do leitor, tal como descrita em *Infância*, pode ser recuperada no tempo. A relação da criança com a leitura na sociedade contemporânea não parece ser a das mais favoráveis. As dificuldades dizem respeito não só a determinações ao longo da história do livro infantil - bastante comprometido com fins pedagógicos e moralizantes - como também aos mediadores dessa relação. As queixas ouvidas em diferentes contextos costumam ser das mais diversas: “- Sou um leitor compulsivo, compro todos os títulos recentes, mas as crianças não abrem um sequer...”; “- A professora indicou uma lista de livros, mas as crianças não demonstram o menor sinal de interesse...”; “- Como fazer para uma criança gostar de ler?”.

Indo um pouco mais longe, até mesmo na esfera governamental os prognósticos revelam-se pouco promissores. Resultados divulgados pelo Inep/MEC¹, em 22 de abril de 2003, aparecem veiculados em matéria com o seguinte conteúdo: “Nível de leitura e matemática da maioria dos alunos é crítico. A maioria dos estudantes não aprende a ser leitor para realizar atividades básicas do cotidiano, inserir-se na complexa sociedade globalizada e exercer plenamente a cidadania. Esta é a conclusão de estudo sobre a quarta série do ensino fundamental”.

As questões sublinhadas indicam serem diversas as instâncias mediadoras entre a criança e o livro: a família, a escola, a vida social. Tentando compreender essas relações, optei por uma determinada abordagem, que se constituiu, em um primeiro plano, no diálogo com fragmentos literários, cujo tema são as primeiras experiências com a leitura. *Infância*, romance autobiográfico de Graciliano Ramos, pareceu-me matéria exemplar - ilumina aspectos cognitivos, enfatizando o ponto de vista histórico e cultural na construção dessas primeiras experiências. Daí, tornar-se foco privilegiado desta investigação.

Embora esta pesquisa trate do contexto histórico na passagem do século XIX ao XX, no Brasil, ressaltando o estado de Alagoas, em particular, julgo haver contribuições para a compreensão de alguns aspectos, envolvendo o contexto contemporâneo: a mediação entre a criança e a leitura; práticas de leitura antigas matizadas às atuais; a importância dos suportes de textos para a produção de significado, dentre outros elementos, que não parecem estar cristalizados em um tempo específico, mas serem específicos do “tempo da leitura”.

Corroborados por estudos autobiográficos, os dados reunidos em *Infância* indicaram que o autor nasceu em Quebrangulo (Alagoas), em 1892, e no período da infância mudou-se sucessivamente para Buíque (Pernambuco), Viçosa e Maceió (Alagoas), retornando à Viçosa no início da puberdade. Nesta pesquisa, procurei acompanhar esse período inicial de sua formação como leitor.

¹ Ver notícia no endereço eletrônico http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb/news03_02.htm, disponível em 13 de fevereiro de 2005.

Havia muita curiosidade em torno de suas primeiras experiências de leitura, visto não serem poucas as passagens em *Infância*, indicando condições muito pouco favoráveis para a formação do leitor: quase analfabeto até os nove anos, desmotivado em meio aos textos escolares, intenso sentimento de baixo-estima e desconfiança em relação às diversas escolas por onde passou. As fontes documentais, por outro lado, indicavam um sistema de ensino bastante incipiente, professores pouco qualificados, escolas improvisadas nas residências dos professores, livros de leitura pouco estimulantes, bibliotecas públicas e privadas entregues ao esquecimento.

Não obstante, uma pergunta insistia: como pode Graciliano Ramos, então, tempos depois, tornar-se autor dos mais precisos na língua portuguesa, considerado em todas as malhas do sistema literário?

Não foram poucas as dificuldades encontradas ao longo dessa investigação, mas foram estimulantes. Se a narrativa de *Infância*, por tratar-se de matéria literária autobiográfica, comportava oscilações, lapsos, evocações ora mais nítidas ora fugidias, parecia insuficiente para indicar como se desenvolveu aquela história de leitor, o cruzamento das passagens com fontes documentais, crítica à recepção de *Infância*, em 1945 - contexto de sua primeira publicação - indicavam uma perspectiva de análise menos embaçada pelos elementos próprios da imaginação.

Mas em que, exatamente, as informações documentais coletadas ajudavam? *Infância* foi publicado pela primeira vez, em uma coleção da Livraria José Olympio Editora, intitulada *Memória, Diário, Confissões*, em meio a outras obras relacionadas ao gênero memorialístico: as *Memórias de Casanova, Gandhi* (memórias), *Jean Jacques Rousseau* (Confissões), dentre outros. No entanto, o projeto já havia sido anunciado à esposa Heloísa Ramos, em carta datada de 28 de janeiro de 1936. Ali, o autor confidenciava ter tido “uma ótima idéia” para um livro no banheiro. Nada mais nada menos do que os títulos de alguns capítulos posteriormente desenvolvidos e organizados para *Infância*. Se considerada a urgência da vida material à época da idealização, não é estranho que a idéia do livro tivesse que aguardar nove anos para ser posta em prática. Como não é novidade, *Infância* só foi publicado em 1945, embora tenha resultado, anteriormente, em contos-capítulo para revistas e jornais.

Valendo-me dessas e outras informações, desenvolvi o primeiro capítulo, através do qual examinei alguns aspectos do gênero autobiográfico, para, em seguida, recuperar imagens no âmbito de uma história da leitura no Brasil. Foi possível compreender a obra como romance autobiográfico, sem perder de vista, contudo, as estreitas relações entre literatura e sociedade. Em outras palavras, procurei traçar uma espécie de chão, que me permitisse caminhar pelas imagens de leitura sem muitos atropelos. Dessa maneira, procurei deixar claro quando trato do autor na maturidade, do narrador das memórias, do pequeno leitor em formação.

Feito isso, nos outros capítulos, passei a examinar as imagens de leitura propriamente. Do ângulo familiar, foi possível acompanhar, por um lado, a mediação materna realizada através da leitura intensiva de um romance longo: o de Adélia e D.

Rufo, por sinal o mesmo livro lido pela irmã mocinha. Além disso, não foram raros os folhetos religiosos em circulação e as noções moralizantes por eles veiculados. Chamaram atenção, da mesma forma, as cantigas de marujadas e o modo pouco fluente de sua leitura, o que permitiu a inferência de que talvez se tratasse de pessoa com rarefeita experiência de leitura, mas, de toda forma leitora.

Ainda considerando a mediação feminina, sublinham-se as leituras da irmã Mocinha, que entre bordados e o ferro de passar roupa também encontrava tempo para a leitura da narrativa de Adélia e D. Rufo, além de interferir na alfabetização do menino propriamente. Tomava-lhe as lições e auxiliava-o em momentos em que o pai, de forma intempestiva, lançava-lhe as letras do alfabeto e se distanciava.

Por parte do pai, as imagens de leitura não foram poucas. Havia toda uma sorte de materiais de leitura na loja: jornais, dicionários, livro razão-diário. Esses materiais, embora não pareçam os que mais lhe marcaram o desenvolvimento como leitor, devem ter contribuído para oferecer um ambiente favorável a sua formação inicial. Contemporaneamente, não são poucas as pesquisas que indicam a relevância de um ambiente letrado para o pleno desenvolvimento do leitor-criança: diversidade de materiais de leitura disponível e presença de pessoas adultas leitoras são alguns dos elementos apontados como determinantes para essa construção.

De forma análoga, entende-se aquele processo narrado em *Infância*, na passagem do século XIX ao XX. Contudo foi possível constatar que os índices de analfabetismo à época eram muito mais elevados, se comparados com os índices contemporâneos, além da existência de um sistema de ensino bastante precário. Estima-se, de tal modo, que, embora haja pontos de contato com o contexto contemporâneo, as diferenças precisaram ser também consideradas, o que se procurou esclarecer nas diversas descrições apresentadas ao longo da pesquisa e na análise dos índices a seguir:

² Extraído da Sinopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1890. Directoria Geral de Estatística. Oficina de Estatística. Rio de Janeiro. IBGE. Quebrangulo teve também o nome de Vitória, voltando posteriormente à denominação primitiva. Cf. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.

³ Extraído do Censo Demográfico 2000. Características da população e dos domicílios: resultado do universo. Censo Demográfico/ IBGE – V. 1 (1940 -). Rio de Janeiro: IBGE, 1950 – V. Decenal. Pesquisa iniciada em 1872, pela antiga Directoria Geral de Estatísticas e continuada a partir de 1940 pelo IBGE.

RECENSEAMENTO DO ESTADO DE ALAGOAS E DE PERNAMBUCO
(em 31 de dezembro de 1890) – População quanto ao analfabetismo²

Sabem Ler e Escrever				Não sabem ler e escrever			
Brasileiros				Estrangeiros			
				Brasileiros e estrangeiros			
	H	M	T	H	M	T	
Palmeira dos Índios	1.359	731	2.009	-	-	-	6.219 7.604 13.820 86%
Villa Viçosa	105	39	144	-	-	-	17.483 18.016 35.499 99.6%
Victoria	1.072	480	1.552	-	-	-	4.953 5.497 10.432 87%
Maceió (Praz.)	3.857	4.123	7.980	66	9	75	4.888 6.398 11.286 58%
Maceió (Jarag.)	4.486	3.587	8.073	41	10	51	1.418 2.615 4.033 33.2%
Buíque	83	293	1.125	-	-	-	4.969 5.365 10.334 92%

RECENSEAMENTO DO ESTADO DE ALAGOAS E DE PERNAMBUCO (2000)³

POP. RESIDENTE. SEXO E DOMICÍLIO				POP. RESIDENTE DE 10 ANOS OU MAIS		
MUNICÍPIO	TOTAL	HOMENS	MULHERES	TOTAL	ALFABETIZ.	TAXA
QUEBRANGULO	11.902	5.936	5.966	9.082	5.186	57.1%
VIÇOSA	26.263	12.951	13.312	20.071	12.035	60.0%
PALMEIRA DOS ÍNDIOS	68.060	32.735	35.325	54.185	37.769	69.7%
MACEIÓ	797.759	376.572	421.187	637.532	533.712	83.7%
BUÍQUE	44.169	21.793	22.376	32.841	16.566	50,4%

Ainda quanto à mediação paterna, embora pareça ter deixado marcas negativas na construção das primeiras noções de leitura, fosse por meio da palmatória, fosse através das letras desprovidas de significado, apresentou-lhe, posteriormente, histórias organizadas em volumes, despertando-lhe a curiosidade inicial para as aventuras, para os enredos das histórias de ficção. Além disso, como era ele próprio um leitor, que não se separava das histórias de aventura, expressa pela narrativa de *Carlos Magno e os Doze Pares de França*, estima-se ter contribuído consideravelmente para avivar-lhe a curiosidade em relação à leitura literária.

Diversos episódios de leitura relatados tiveram como pano de fundo a escola. Do ponto de vista da arquitetura dos estabelecimentos, as imagens quase sempre indicaram improvisto: por vezes a residência dos próprios professores, em outros momentos,

quando havia, as salas de aula surgiam abarrotadas de meninos, que carregavam seus próprios tamboretos, sem que houvesse condições adequadas para a interação com o ambiente.

Além disso, as descrições da *mediação* exercida pelos professores em *Infância*, com frequência, configuram um espaço muito pouco significativo por diferentes razões: a falta de qualificação no exercício da profissão – como no caso da filha que substituiu a mãe ou mesmo do professor Rijo, rábula aposentado – a metodologia apoiada em castigos físicos ou a grande indiferença no convívio com os meninos – caso do professor, que passava horas penteando o cabelo, enquanto o narrador aproveitava para saltar linhas e dar por terminada a tarefa extenuante. Nesse contexto, a professora Maria pode ser considerada uma exceção: facilitou-lhe a permanência na escola, com gestos de afeto e cuidados na relação com o menino. Mas, não obstante a qualidade da relação entre a mestra e o educando, o pequeno leitor continuava empacando nas sílabas soltas, desprovidas de significado.

Por outro lado, as fontes documentais indicaram, quase sempre, a precariedade do sistema de ensino: na falta de escola, o ensino podia mesmo ser exercido em regime domiciliar; uma única escola normal existente no estado de Alagoas, e, no caso de Viçosa, a inexistência de um projeto de formação de professores até 1936, quando Graciliano Ramos passa a exercer a função de Diretor da Instrução Pública de Alagoas. Quem sabe se fossem outras as condições quanto à formação, dentre outros elementos relevantes, o magistério naquele contexto não teria sido exercido com dignidade, contribuindo para a formação de professores e de alunos?

Pode-se perceber, no entanto, que a história do leitor que acompanhamos aqui teve momentos decisivos. Destaca-se um interessante contato em família, representado pela prima do narrador de *Infância*, Emília. Chamaram bastante atenção os elementos daquela *mediação*. De um lado, o menino demonstrava nutrir grande respeito pelas opiniões emitidas pela prima, o que pode ser evidenciado no episódio da leitura considerada muito perigosa: *O Menino da Mata e o seu Cão Piloto*. Assistiu-se, naquele momento, a uma série de obstáculos para a proximidade com o material indigno de leitura: fosse pelo manuseio, pela menção à autoria e pela própria intenção de se proceder à leitura. Conclusão: o menino não teve alternativa, a não ser a de adiar a experiência; provavelmente, por medo da punição espiritual, representada pela imagem do inferno e, também, pelo respeito às opiniões da prima.

Contudo foi a mesma prima que, em outra ocasião, incentivou-lhe a desvendar, ele próprio, os enigmas de um texto literário. Ouvindo-lhe as queixas de que não compreendia o que lia, incentivou-lhe a adivinhar os sentidos do texto, tal como um astrônomo desvendaria os objetos celestes no céu.

Assim, a partir de diversas passagens de *Infância* e de fontes documentais, aprendemos que na conquista plena da leitura o pequeno leitor valeu-se tanto de sua experiência prévia com os materiais de leitura como da consulta constante aos dicionários; fato corroborado anos mais tarde pelo escritor, quando afirmou ser um

estudioso de dicionários. Pode-se aprender dessa experiência que o estudo aprofundado da língua constitui-se em pressuposto precioso, a ser contemporaneamente reconsiderado. A partir da mediação exercida pela prima Emília e, talvez, por sua própria auto-estima resgatada, seu processo de leitura pode tomar um rumo diverso, na companhia de enredos de aventura, de personagens que lhe incitavam a imaginação.

Necessário observar um outro plano que pode ter sido o dos mais relevantes para sua formação: o da vida social. Surge, então, a intervenção de Padre Pimentel, nas primeiras leituras religiosas providas de significados. Há em *Infância* expressivas imagens daquela mediação, cuja qualidade maior foi a de permitir questionamentos e trazer os conteúdos mais espessos para o nível de compreensão daquela criança.

Despertou interesse, igualmente, a riqueza da literatura oral, expressa nas histórias contadas por José Bahia e pelos demais criados da casa, o que deve ter contribuído para um nível mais complexo de letramento do pequeno leitor.

Foi, contudo, a partir da aproximação com o tabelião Jerônimo Barreto que essa história pode ganhar contornos surpreendentes: o tabelião não só franqueou-lhe todos os volumes de sua biblioteca particular, permitindo o contato com a prosa nacional, como ampliou-lhe os horizontes em direção à literatura de caráter universal. Não é de se estranhar, portanto, que o autor tenha-o na lembrança como o ser único, digno de reverência à época.

Entre folhetins e histórias organizadas em volumes, o leitor crescia.

A vida social, de fato, exerceu influências e não foram poucas as situações para cativar o leitor em formação, destacando-se o papel de mentor intelectual representado por Mário Venâncio. É verdade que o primeiro contato ocorreu na escola, mas, conforme o narrador conta, fora apenas um bico exercido pelo agente do correio. Bem se reconhece, então, o improvisado no exercício do magistério, e, mais uma vez, a escola é considerada como espaço pouco significativo. Os momentos dignos de nota, em realidade, foram frutos das reuniões literárias na agência do correio e em meios a jornais nacionais e estrangeiros que, conforme fontes documentais, circulavam amplamente na Instrutora Viçosense.

Além disso, foi a partir do incentivo de Mário Venâncio que se deu o lançamento do jornal *O Dilúculo*, órgão de expressão cultural da mocidade viçosense. Ali, Graciliano Ramos pode exercer pela primeira vez a função de escritor, concomitante à de editor. Conforme se pode acompanhar, o empreendimento foi levado a cabo por Graciliano Ramos e por seu primo Cícero. Experiência significativa pelo menos por dois motivos: de um lado, permitia a discussão de idéias e o exercício da escrita, de outro, incentivava-os a observar e a registrar a vida cultural da cidade. Elementos fundamentais na formação de um leitor, grande ou pequeno.

Mas o incentivo não se limitou à elaboração do *Dilúculo*. Tudo indica que Mário Venâncio cativava jovens da cidade para que, reunidos em agremiações literárias, pudessem se inteirar de estilos literários e de exercitarem-se eles próprios na função de escritores, ainda que desconhecidos dos leitores das grandes cidades, mas não era o

isso o que mais importava. Naqueles momentos, houve a possibilidade de conhecer novos conceitos, de provocar a curiosidade em relação ao que o narrador denominou “prosa encrencada”, ao se referir a grande dificuldade de se aproximar do estilo parnasiano. Porém, o mais relevante: não só se aproximou do parnasianismo, como tentou exercer ele mesmo a prosa dita “encrencada”.

Foi por essa época, aproximadamente na entrada da puberdade, que os horizontes se ampliaram consideravelmente. Se, com Jerônimo Barreto, pôde aventurar-se com os heróis de capa espada, nas páginas escritas por Ponson du Terrail, nas façanhas contidas no *Guarani*, agora o leitor bastante crescido, já se familiarizara com Aluísio de Azevedo, Coelho Neto, Eça de Queirós e, conforme seu depoimento, anos mais tarde, com a prosa mais ousada, de Dostoiévski, Gorki, Tolstoi, dentre outros.

A pesquisa ensinou, portanto, que é preciso não perder de vista a qualidade da mediação da escola, assim como a interação no contexto familiar. Contudo, a mediação da vida social pode ser bastante valiosa na busca de alternativas para impasses antigos e tão contemporâneos expressos nas questões: “as professoras indicaram uma lista de livros, mas as crianças não demonstram sinal de interesse”. “Comprei vários livros, mas os meninos não desejam lê-los”. “Como fazer para uma criança gostar de ler”?

Imagino que Mário Venâncio, convidado a participar desse debate, responderia: Vamos motivar os meninos a criarem agremiações literárias, a produzirem poesia, a confeccionarem jornais de grande interesse para a juventude. Ao que Jerônimo Barreto acrescentaria: por que não incentivá-los à leitura que mais apreciam? Que tal levá-los a conhecerem horizontes para além dos livros didáticos, da prosa nacional?

Idéias com as quais a autora desta tese concordaria e que, no contexto atual, bem poderiam surtir alguns dos resultados desejados.

BIBLIOGRAFIA

ÁLBUM DO CENTENÁRIO DE VIÇOSA. Município de Viçosa, Composto e impresso na Typografia Viçosense de Antonio Olímpio S.A, 13 de outubro de 1931.

BAKHTIN, M. (1994). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

BORGES, A.C. *Terceiro livro de leitura para uso das escolas brasileiras*. 65ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1890, primeira edição, 1871 (Bruxelas).

CABRAL DA SILVA, M. (1998). A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel. *Infância e Produção Cultural*. Campinas, São Paulo: Papirus.

CANDIDO, A. (1999). *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____. (1985). *Literatura e sociedade: estudos de teoria literária*. São Paulo: Editora Nacional.

CASCUDO, C. (1984). *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo.

- CHARTIER, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (1996). *Práticas da leitura*. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.
- CUNHA, M.V. (2000). A escola contra a família. IN: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Almeida, VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DARNTON, R. (1998). *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Sinopse do Recenseamento*, Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, de 31 de dezembro de 1890.
- EAGLETON, T. (1994). *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo Martins Fontes.
- FREIRE, G. (1996). *Sobrados e mucambos: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Record.
- GOLDIN, D. (1999). *Cultura escrita, literatura e história: coacciones transgredidas y libertades restringidas - conversaciones de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin y Antonio Saborit*. México: Fondo de Cultura Económica.
- GUSDORF, G. (1991). *Les écritures du moi. Lignes de vie 1*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- HALLEWELL, L. (1985). *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. Revista e revisada pelo autor. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo.
- HISTORIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO, E OS DOZE PARES DE FRANÇA, aumentada com a notícia circunstancial das estaturas, e fisionomias do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França. Dividida em três partes. Traduzida do Castelhana em Portuguez, com mais elegância para a nossa Língua. Nova Edição. Lisboa na TYP. De Mathias Joze Marques da Silva: 1864.
- INDICADOR GERAL DO ESTADO DE ALAGOAS. (1902). (Subvencionado pelo Governo do Estado). Editores: M.J. Ramalho e Murta. Typografia Comercial. Maceió.
- JORNAL DE ALAGOAS. *A arte e a literatura em Alagoas*. O que são, o que pensam, o que lêem os nossos artistas e literatos. Maceió, 18 de setembro de 1910.
- KLEIMAN, A. (1989). *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, São Paulo: Pontes.
- KOZULIN, A. (1999). *Vygotsky's psychology: a biography of ideas*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- LAJOLO, M. (2001). *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. (1996). *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.
- LEJEUNE, P. (1996). *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil.
- MORAES, D. (1996). *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MOREIRA, V. (1981). *O menino da mata e o seu cão Piloto: memórias sincopadas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

- PETIT, M. (1999). *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*. Traducción de Rafael Segovia y Diana Luz Sánchez. Colección Espacios para la lectura. Coordinación de la colección: Daniel Goldin México: Fondo de Cultura Económica.
- RAMOS, G. (1952). *Infância*. Julgamentos da crítica brasileira sobre Infância. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1993). *Infância*. Posfácio de Octávio Faria, ilustrações de Darcy Penteado, 28ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- _____. (1985). *Angústia*. Posfácio de Otto Maria Carpeaux, ilustrações de Marcelo Grasmann. 30ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record.
- _____. (1980). *Cartas*. Edição especial preparada pela MPM-Comunicações. Exemplares numerados de 0001 a 8000. Exemplar nº 05755. Capa: Paulo R. W. Penteado. Desenho: Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Record.
- RAMOS. Marilí. (1979). *Graciliano Ramos*. Alagoas: Igasa Indústria Gráfica Alagoana Ltda.
- SENNA, H. (1968). *República das letras* (20 entrevistas com escritores). 2ª ed. (revista e ampliada) Rio de Janeiro: Olímpica.
- SILVA, E.T. (1991). *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.
- SILVEIRA, J. *Graciliano Ramos conta a sua vida* (reportagem). Revista Vamos Ler. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1939, p.8-10.
- SODRÉ, N.W. (1982). *História da literatura brasileira*. São Paulo: Difel.
- TOUGH, J. (1988). *Children's use of language and learning to read*. In: PARKER, Robert P. and DAVIS, Frances A (editors). *Developing literacy: Young children's Use of language*. Newark: International Reading Association.
- VENTURA, D. (s/d). *Arte de aprender a ler: a letra manuscrita para uso das escolas em 10 lições progressivas do mais fácil ao mais difícil*. Paris: Aillaud & Cia ; Lisboa: Filial.
- VILELA, H. (1982). *A Escola Normal de Maceió (1869 – 1937)*. Maceió. Publicação da Secretaria da Educação e cultura.
- VILLELA, H.O.S. (2000). O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Almeida, VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica.
- VYGOTSKY, L.S. (1987). *La imaginacion y el arte en la infancia*. México: Ediciones y Distribuciones Hispanicas.
- _____. (1999). *Thought and language*. Translation: Mysshlenie i rech. Translation newly revised and edited by Alex Kozulin. Massachusetts: The MIT Press.
- _____. (1998). *Mind in society: the development of higher psychological processes*. Edited by Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner, Ellen Souberman. Massachusetts: Harvard University Press.
- WERTSCH, J.V. (1988). *Culture, communication and cognition: Vygotskian Perspectives*. Edited by James Wertsch V. New York: Cambridge University Press.
- YATES, F.A. (2000). *The art of memory*. Chicago: University Press.